

O BLOCO AINDA ESTÁ NA RUA: circulações estéticas da experiência com Sérgio Sampaio ¹

THE BLOCK IS STILL ON THE STREET: aesthetic circulations of the experience with Sérgio Sampaio

Larissa Caldeira ²
Jorge Cardoso Filho ³

Resumo: *Este artigo discute modos como a experiência estética tem circulado socialmente na sociedade contemporânea, a partir de duas gramáticas: àquela da crítica cultural de música, expressada em encartes dos chamados cadernos culturais da imprensa; e a gramática cotidiana, em perfis de redes sociais, distantes historicamente das datas de lançamento dos álbuns. Deste modo, a partir do estudo de caso das disputas estéticas em torno da obra do músico capixaba Sérgio Sampaio, estabelecemos parâmetros para compreender os modos de experienciar sua música, sua performance e valores privilegiados, num ou noutro contexto. Percebe-se, deste modo, como algumas práticas cotidianas, tradicionalmente externas à escrita da crítica cultural, desempenham um papel fundamental na circulação social da experiência estética, de modo a fornecer longevidade à obra do músico.*

Palavras-Chave: *Sérgio Sampaio. Circulação. Experiência estética.*

Abstract: *This article discusses the ways in which aesthetic experience has socially circulated in contemporary society, based on two grammars: that of cultural criticism of music, expressed in inserts from the so-called cultural sections of the press; and the everyday grammar found in social media profiles, which are historically distant from the album release dates. Thus, through the case study of the aesthetic disputes surrounding the work of the capixaba musician Sérgio Sampaio, we establish parameters to understand the ways of experiencing his music, his performance, and the privileged values in one context or another. It becomes evident that certain everyday practices, traditionally external to the writing of cultural criticism, play a fundamental role in the social circulation of aesthetic experience, thereby providing longevity to the musician's work.*

Keywords: *Sérgio Sampaio. Circulation. Aesthetic Experience.*

1. Fossos históricos - experiências estéticas com Sérgio Sampaio

De acordo com a matéria da Folha de São Paulo, intitulada “Disco obscuro de Sérgio Sampaio volta às lojas depois de 29 anos”⁴, escrita por Marcus Preto, em 2011, destaca que o

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Comunicação e Experiência Estética. 34º Encontro Anual da Compós, Universidade Federal do Paraná (UFPR). Curitiba - PR. 10 a 13 de junho de 2024.

² Doutoranda em Comunicação e Cultura Contemporâneas-UFBA. Cantora e jornalista. larissa.cgp@gmail.com

³ Docente do Centro de Artes, Humanidades e Letras da UFRB. Doutor em Comunicação Social - UFMG. cardosofilho.jorge@gmail.com

⁴ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1210201113.htm>. Acesso em: mar.2024

disco foi uma produção independente que encalhou em 1982. E que a reedição foi feita pelo selo Saravá Discos, do cantor Zeca Baleiro, que se empenha para recolocar a obra de Sérgio na música brasileira.

Em 1982, quando artistas como Simone vendiam 700 mil cópias de seus LPs, "Sinceramente" teve boa parte de suas modestas 4.000 encalhadas nas prateleiras. Sampaio já amargava a fama de artista "maldito" e vivia em ostracismo artístico, sobretudo por sua pouca habilidade em lidar com a indústria da música.

A única faixa que teve algum destaque foi "Doce Melodia", dueto com Luiz Melodia que entrou na programação da Fluminense FM -a mesma rádio que então abria as portas para a nascente geração 80 do rock nacional. "Luiz Melodia/ Melhores dias virão/ É só não botar a viola no saco/ Joga fora o guardanapo/ Vem comer com a mão", diz a letra, ainda nutrindo alguma esperança de retomar os bons tempos (Folha de São Paulo, 2011).

Sérgio Sampaio morreu em 1994, devido uma pancreatite aguda, viveu como quis e faleceu como maldito, marginal, genial, confessional e tantas outras atribuições dadas pelo mercado da música, imprensa, crítica especializada, público, amigos, parentes e familiares. Hoje, sua obra vem sendo redescoberta por vários artistas contemporâneos e público mais jovem. O começo desse processo se deu, principalmente, com Zeca Baleiro, que reuniu 14 canções inéditas e gravadas em demo por Sérgio antes de morrer, e produziu o disco "Cruel", que foi lançado em 2006 pelo selo Saravá Discos, do próprio Zeca, este um fã confesso de Sérgio.

Mas este fenômeno nos permite pensar em como a experiência estética com a obra do músico circula (e/ou não circulou em um determinado contexto). Para nós, trata-se de uma oportunidade para investigar os regimes sensíveis que se tornam predominantes numa configuração sociomidiática específica, com suas dinâmicas de referência peculiares. Seguimos em uma perspectiva apontada por José Luiz Braga (2010), para o qual circulação da experiência estética vai estar circunscrita por configuração sócio técnica que funciona como gramática e, simultaneamente, como condição de emergência de afetações. Se nos anos de 1970 estamos lidando com uma configuração de processos interacionais de referência que tomavam a imprensa, a ditadura e as relações com uma forte indústria fonográfica como determinantes para pensar a circulação estética da experiência com Sérgio Sampaio, quais seriam os processos que podemos identificar mais contemporaneamente, na década de 2000, por exemplo.

A obra de Sérgio Sampaio tem percorrido o Brasil e o mundo através dos streamings; do Projeto Viva Sampaio, mantido pelo seu filho, João Sampaio; os bloquinhos de Carnaval no Rio, São Paulo, Espírito Santo que são homenagens de foliões, os chamados "sampaiófilos"; o

festival de música Sérgio Sampaio⁵, que está indo para sua 19ª edição, na cidade de Vitória - ES, e já contou com apresentações de artistas como Zeca Baleiro, Dan Abraches, André Prando, Cida Moreira e outros, que durante o evento fazem homenagens a obra do artista capixaba. Além disso, artistas como Chico Salles, gravou o disco Sérgio Samba Sampaio (2013), com sambas compostos por Sérgio; Julia Bosco, filha do cantor João Bosco, fez uma turnê na Europa com o show Cabine 103, em homenagem à Sérgio Sampaio; Cida Moreira, em show recente, 2023-2024, “Boleros e Outras Delícias”, homenageia o compositor de Cachoeiro; e a versão repaginada e modernizada lançado pelo grupo Baiana System com a rapper Yzalú para uma peça publicitária.

Dessa maneira, se pode dizer que “avesso à autopromoção, Sergio morreu em relativo esquecimento, mas o crescente número de ‘sampaiofílos’ atesta a atemporalidade de suas composições” (Carta Capital, 2017)⁶. O músico e sua obra se fazem presente também nos circuitos de mostras de cinema, o primo de Sérgio, João Moraes, documentarista, promove algumas pelo estado do Espírito Santo.

Sem rimar amor com dor, Sampaio traçou perfeitamente sua poesia de forma única, brincando com a voz e jogo de palavras, passeando sem medo na mistura de ritmos nobres com populares. Muita gente não sabe, mas ele ainda tem muito a dizer às novas gerações, embora às vezes não seja compreendido. Mas eu, que conheço um pouco da sua obra, digo: vale a pena se perder e cair nesta ‘maldição’ (Cidadão Cultura, 2017).

Este artigo compara as dinâmicas de circulação estética da experiência, inspirado na aproximação entre mediatização e experiência estética, proposto por Braga (2010), explorando as afetações na relação com a obra de Sérgio Sampaio, em dois contextos distintos. Nossa expectativa é que essa aproximação nos permita compreender os modos de expressar e fazer circular a experiência estética. Na atividade da crítica cultural, devem ser considerados aspectos éticos, técnicos e elementos estéticos. Dado que o papel preponderante desta atividade é convencer sobre determinados posicionamentos, toda crítica perpassa pela listagem de um conjunto de argumentos de diversas naturezas que vão atuar diretamente no convencimento do sujeito atingido ou ao menos servir de base para que este formule suas próprias convicções sobre o objeto em apreciação. Assim,

Compreendida como um argumento (ou conjunto de argumentos), fruto de um exame ou avaliação, que visa defender uma posição sobre algo, a crítica

⁵ Disponível em: <https://www.instagram.com/sergiosampaiofestival>. Acesso em: mar. 2024

⁶ Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/cultura/sergio-sampaio-bloco-na-rua-samba-enredo-no-asfalto/>. Acesso em: mar. 2024

possui como objetivo o convencimento. Este argumento crítico pode ser apresentado publicamente em razão de um debate já em andamento ou ele mesmo pode vir a gerar um debate. A mesma crítica pode considerar argumentos anteriores ou prever novos argumentos, mas a crítica em si não encerra o debate. Do ponto de vista da discussão pública, o fundamental é que haja, disponível ao público, uma ampla variedade de críticas, de argumentos, de posições sobre determinado tema que sirvam de insumos para a formulação dos seus próprios juízos (Cardoso Filho & Azevedo, 2013, p.02)

Tem-se, portanto que a crítica cultural atua ao lado de outros agentes produtores de sentido - músicos, produtores culturais, indústria fonográfica, publicitários e o próprio público (ouvintes, fãs, apreciadores). Para retomarmos o relato de Thiago Soares e Jorge Cardoso Filho no trabalho Denilson Lopes (2024), pensamos que a expressão, ao mesmo tempo descritiva e interpretativa, oferece pistas das experiências e valorações, como se a matéria sensível da música de Sérgio Sampaio se impregnasse nos modos de afetação, mesmo que de uma maneira furtiva e precária. Pensamos a precariedade e a furtividade como "ruínas", vestígios do arrebatamento estético, de vertigens marcantes - que prolongam a existência da experiência.

2. A hiper circulação estética (saudades do que não vivi)

Em que se ampara essa longevidade da obra de Sérgio Sampaio? Nos vestígios da experiência estética, colhidas de maneira esparsa e precária, tanto em arquivos históricos - como a imprensa especializada (ou não) em música - quanto nas vivências partilhadas por contemporâneos do músico, fãs e admiradores de seu trabalho. Se numa determinada configuração midiática esse trabalho de retomar as fontes em arquivos nos dá acesso ao jornalismo e a crítica cultural da época, na configuração midiática atual abundam falas e depoimentos em redes sociais, não só de especialistas, mas de figuras mais íntimas e até anônimas, partilhando afetações da relação com as músicas, exprimindo qualidades pouco ou menos comuns na circulação estética das obras.

Nesse sentido, pensamos que a obra de Sérgio Sampaio sai de um regime cuja "oferta" de informação era restrita e muito difícil e encontra um outro regime, no qual as vivências com sua obra são partilhadas amplamente, colocando numa espécie de inflação discursiva. Das ruínas ao monumental. Em um regime cuja circulação estética da experiência é restrita e difícil, mediada por instâncias com regras e reconhecimento próprios, as ruínas tornam-se poderosos instrumentos de sobrevivência daquela experiência. No regime em que há uma circulação estética da experiência hiper-exposta, a própria visibilidade de acervos torna a experiência

parte ordinário e mundano. Isso é um aspecto que diferencia o que chamamos de circulação estética das experiências da circulação da experiência estética. Esta diz respeito a uma dimensão mais acontecimental do fenômeno, em que as afetações ocorrem concomitantemente. Já a circulação estética da experiência é um processo alargado, que transforma as qualidades da afetação por meio de dispositivos de memória. Há aqui, portanto, uma forte relação com os regimes de mediatização.

De acordo com João Moraes, primo do artista, no documentário “Sérgio: Um Sampaio bendito”⁷, desde muito novo Sérgio era uma figura que rompia com o comportamento social e tinha conflitos familiares com o pai Raul Gonçalves Sampaio músico e compositor. O documentário que foi produzido pelos alunos do curso de Jornalismo da FAESA – Centro Universitário, da cidade de Vitória, no Espírito Santo, em 2016, Gabriela Singular, Barbara Nascimento, Patrícia Meireles, Lucas Melo e Sullivan Silva - demonstra que na contemporaneidade existe uma desmalditização de Sérgio Sampaio por parte da nova geração, que a partir de show-tributos e do espaço mantido por João Sampaio, filho de Sérgio, o “Viva Sampaio”, trouxe à tona o trabalho do artista.

Nos comentários do YouTube, site onde o documentário está alocado, se pode observar adjetivos como “Um gênio da MPB ...uma obra musical tão boa quanto os monstros Vandré, Caetano ...etc.” (@ruycerqueira5393); “Como não cair em lágrimas com Sérgio Sampaio? O maior injustiçado da música popular brasileira!” (@leozinhoramone3169) e “Muito bom! Estou há 2 anos ouvindo os álbuns do Sergio Sampaio e acho que já é meu artista favorito de todos os tempos. Nunca sei qual é o meu favorito... às vezes ‘Tem que acontecer’, às vezes ‘Cruel’, ou ‘Eu quero botar...’. Muito bom ver esse documentário.” (@otaviorbs). E tantos outros comentários elogiosos a obra e ao artista que demonstram a satisfação de estar conhecendo as obras de Sérgio e as indagações de porque não as tinham conhecido antes.

O comportamento de Sérgio é novamente citado por Luiz Trevisan, amigo do músico, que diz que em 1976, após gravação do seu segundo álbum, Sampaio deixou todo o aparato de divulgação montado pela gravadora Continental e foi para Cachoeiro de Itapemirim, “tomar cachaça no Bar do Alziro e comer piabinha frita” (Trevisan, 2016), e só apareceu na gravadora uns três meses depois do prazo previsto. “E aí o Moura (produtor da Continental) disse: ‘Sérgio

⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mS6WcxSKOhc&t=858s>. Acesso em: mar.2024

agora já era. O seu disco Tem que acontecer, não vai acontecer, porque você não apareceu para gente fazer o esquema de divulgação e tinha que ter trabalhado nisso antes, e não agora que o disco foi lançado””. (Trevisan, 2016). Segundo João Moraes, o artista não tinha essa coisa de gerenciamento de carreira, o que justifica em parte o esfriamento da indústria fonográfica em relação ao músico, principalmente, a partir da não explosão do disco “Tem que acontecer” (1976).

A questão que gira em torno das falas de Trevisan e Moraes, bem como, no depoimento de João Sampaio, filho do artista, é que Sérgio antes da fama, quando famoso e no ostracismo não se curvou a ditames, continuou sendo ele mesmo o tempo todo: controverso, polêmico e desafiador. “O sucesso de ‘Bloco na rua’ foi muito grande e aí os caras, o Midani, que era um produtor francês, que produzia Caetano, Gil, toda essa galera da MPB moderna, dos anos 70. O dono da cocada preta, e ele ficou pediu ao Sérgio o sucesso, o sucesso. E o Sérgio respondeu: ‘você quer sucesso? Vai compor, pô!’”, relata o baixista e amigo do artista, Paulo Sodré.

No YouTube e na Web encontramos espaços dedicados a Sérgio Sampaio, como o canal Sampatize⁸ (com 4,93 mil inscritos e criado, em 2012, pelo pesquisador musical Alipio Argeu), que também está no Facebook e Instagram dedicando-se a reproduzir frases, shows e trechos de vídeos com depoimentos de Sampaio. Em um deles, trecho do documentário “Um Sampaio teimoso”⁹ (2012), de Nayara Tognore, ratifica na fala do próprio artista as diversas semânticas possíveis do termo maldito ao longo da história e trajetória do artista capixaba. “Eu, por exemplo, trabalhei durante 5 anos gravando discos, e adquirir um carma de maldito, que eu não concordo absolutamente (Sampaio, 2012). Entre a acepção e o carma, como mesmo já disse Jards Macalé, os denominadores de tal maldição, nem mesmo sabiam o que estavam falando, já que se fosse no sentido dos poetas franceses, seria mesmo uma honra, mas ao que parece, os temperamentos arredios e comportamentos disruptivos de artistas como Sérgio e o próprio Macalé deram ao termo um sentido negativo e excludente.

Já o cantor e compositor, Tatá Aeroplano, no documentário “Um Sampaio teimoso”, a obra de Sérgio permaneceu ao longo das gerações e hoje é reconhecida pelas novas gerações: “A obra dele permaneceu, e cada vez mais forte, eu tenho certeza de que a cada ano que passa mais gente conhece a obra dele, devido a esses relançamentos que teve, como do disco ‘Cruel’,

⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/@frasessergiosampaio>. Acesso em: mar.2024

⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VE5F0gEdkZ8>. Acesso em: mar. 2024

feito pelo Zeca Baleiro. Então, essa nova geração tem entrado em contato com Sérgio Sampaio” (Aeroplano, 2012).

No documentário “Sérgio Sampaio: antitropicalismo na canção de um tropicalista convicto”¹⁰, de 2021, com texto de Washington Prudêncio, e montagem e narração de Arthur Moura, Sampaio é posto como um antitropicalista, o que torna o chamado mundo-e-contexto, citado por Roberto Moura, algo bastante interessante para se pensar como a história atravessa as temporalidades e contextos em torno de uma trajetória artística.

Sérgio Sampaio não há dúvida, criou-se na Tropicália, (...) a mistura tropicalista notabilizou como uma forma *sui generis* de inserção histórica no processo de revisão cultural que se desenvolvia desde o início dos anos 60. Os temas básicos dessa revisão consistiam na redescoberta do Brasil; volta as origens nacionais; internacionalização da cultura; dependência econômica; consumo e conscientização. Tais preocupações foram responsáveis pelo engajamento de grande dos intelectuais e dos artistas brasileiros na causa da construção de um Brasil novo, através de diversas formas de militância política (Prudêncio, 2021).

Para nós o contexto da recepção da obra passa por uma construção estética e conceitual dos fenômenos. É possível que Sérgio Sampaio tenha bebido da Tropicália, assim como Caetano bebeu os Beatles e a Pop Art, assim como Gilberto Gil bebeu de Jimi Hendrix, Luiz Gonzaga e bandas alternativas britânicas dos anos 70. Na realidade, no mundo-e-contexto as coisas estão simplesmente acontecendo, e por vezes, simultaneamente. Sérgio Sampaio é antitropicalista? É maldito? É caetanista? Ou seria um artista brasileiro que produziu entre os anos 60 até os anos 90? O que o atravessa? Sem dúvida, a história e todas as possibilidades estéticas, políticas e artísticas. Em sua obra, desde o primeiro álbum, se tem do samba ao blues, do baião ao samba-canção, da marcha-rancho as baladas românticas.

Finalmente, trazemos o site da rádio Nova Brasil FM, de São Paulo, com matéria publicada em 2023, intitulada “A história da canção ‘Eu Quero É Botar Meu Bloco na Rua’, de Sérgio Sampaio”¹¹, que diz que, no ano de 1972, insatisfeito com a CBS, Sérgio procurou Erasmo Carlos, em busca de realizar seu sonho de ter uma música gravada por seu conterrâneo e ídolo Roberto Carlos¹².

¹⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RTniXQKNFbg>. Acesso em: mar. 2024

¹¹ Disponível em: <https://novabrasilfm.com.br/notas-musicais/eu-quero-e-botar-meu-bloco-na-rua-sergio-sampaio#:~:text=A%20censura,do%20cinema%20e%20dos%20quadrinhos>. Acesso em: mar. 2024

¹² Em uma entrevista, Sérgio contou que um dos seus maiores sonhos na época era ver Roberto Carlos cantar uma de suas músicas. No entanto, isso foi Negado (com N maiúsculo). Os motivos são desconhecidos, mas o pior foi saber que Roberto privou qualquer contato com Sérgio, uma vez que possivelmente o considerava doido demais

Durante o encontro, Sérgio também se queixou da censura sofrida internamente na gravadora e também por parte da ditadura militar, que atuava no cerceamento das liberdades democráticas. O artista afirmou que tinha vontade de “botar o bloco na rua, de botar para ferver, de se sentir livre”. Erasmo então o encorajou a compor uma canção justamente com aquela temática, dizendo que aquela sensação tomava conta de grande parte da classe artística brasileira naquele momento de repressão. Sérgio deixou a casa do Tremendão com o refrão pronto em sua cabeça e concluiu a letra naquele mesmo dia. Depois de escutar *Eu Quero É Botar Meu Bloco na Rua*, Raul Seixas tentou emplacá-la na CBS, mas a direção da gravadora não confiou no potencial da música. Então, o próprio Raul indicou-a para André Midani, diretor da Phillips-Phonogram, que ouviu, gostou e contratou Sérgio Sampaio para o elenco da companhia. (Nova Brasil, 2023).

Aqui podemos notar que na perspectiva do ano de 1973, quando o disco e música “Eu quero é botar meu bloco na rua” foram lançados, a marcha-rancho de Sérgio Sampaio foi compreendida como algo festivo, alegre, “gostosa de ouvir”, comparada a “Fio Maravilha” e sem pretensões revolucionárias ou políticas. Mas ao percorrer os discursos ao longo da trajetória de Sérgio é possível perceber como na matéria da Nova Brasil FM (2023), que a música foi feita pelo artista como protesto, grito de desabafo acerca dos cessamentos de liberdades democráticas no Brasil ditatorial e, também sobre a censura interna das gravadoras. “A grande importância dessa canção é ter sido feita e lançada numa época em que as pessoas estavam muito amordaçadas e bastante medrosas de abrirem a boca para falar qualquer coisa”. declarou Sampaio em uma entrevista de 1989” (Nova Brasil, 2023).

A música “Eu Quero É Botar Meu Bloco na Rua”, em 2025, tem quase 20 milhões de execuções no Spotify, com o próprio Sérgio Sampaio; a interpretação de Ney Matogrosso, da mesma música, tem quase 2 milhões de visualizações no YouTube; com Lenine, mais de 3 milhões de visualizações. Fruto da hiper exposição monumental, certamente. Mas não exclusivamente por ela. Haveria elementos a serem identificados no regime da circulação estética em ruínas que nos permitiriam supor a afetação da música de Sérgio Sampaio em corpos futuros?

No livro biográfico “Eu quero é botar meu bloco na rua”, de Rodrigo Moreira, há um relato de uma conversa entre Sérgio Sampaio e o poeta Wally Salomão, na qual o compositor capixaba irritado dizia não entender como uma música tão triste como o “Bloco” poderia fazer tanto sucesso no carnaval, e então Wally, trouxe de volta uma pergunta: “E quem disse que o

para se ter algum tipo de aproximação. E como forma de ‘afogar as mágoas’, ele escreveu ‘Eu sou aquele que disse’, gravado no seu primeiro disco. (Cidadão da Cultura, 2023). Disponível em: <https://www.cidadaocultura.com.br/meu-maldito-favorito-sergio-sampaio-bota-o-bloco-na-rua/>. Acesso em: mar. 2024

Carnaval é alegre?”. Sérgio Sampaio vivia irritado e se recusava a cantar a música, ele não queria ser taxado de “compositor de um só hit”, e de fato, não o era. A realidade é que sua trajetória como figura quase detestável para alguns, fez Sérgio cair num ostracismo, de 1976 até 1982, quando lançou, de forma independente, o disco “Sinceramente” (1982), seu último disco em vida. O músico passou a viver de favores na casa de amigos, e contou com a ajuda de seu compadre Xangai, que nesse período mais tenso, arrumou alguns pequenos shows na Bahia.

Além disso, amigos como Wagner, Moacyr Luz, Renato Piau, Jards Macalé, Erasmo Carlos, Maria Bethânia, Roberto Menescal, Sérgio Natureza, Altamiro Carrilho, Luiz Melodia e outros, ajudaram Sérgio, em alguma medida, com parcerias musicais, participações em shows e gravações de músicas do compositor capixaba, mas aí já era tarde, Sampaio já era entendido como pessoa *non grata* por parte do público, da imprensa, das gravadoras e contratantes de shows.

Obrigado a migrar para a independência a partir de “Sinceramente”, Sampaio teve na Baixada Fluminense sempre uma recepção calorosa, assim como em circuitos alternativos do interior do país e capitais como Vitória, Brasília e Salvador mais portos nos quais ancorar. Se esgueirando entre casamentos fracassados, o vício cada vez pior na bebida, a necessidade permanente de compor – e muitas canções ainda são inéditas – a saúde frágil, a relação de indiferença ou consideração do mercado e da crítica, passando a ser “redescoberto” nos últimos anos, graças a projetos como o que gerou esta biografia, o disco póstumo, tributos, estudos e hot sites, Sampaio negou sempre a pecha de “maldito”, típico rótulo estúpido que o mercado fabrica para aqueles que não sabe direito como encaixar, assim como muitos da sua geração tem – até hoje – que refutar essa bobagem. (Revista MovinUp, 2018).

Durante os 6 anos de ostracismo, entregue ao álcool e às drogas, Sérgio Sampaio não parou de compor, e quando em 1982, entrou no estúdio, na companhia de músicos como Renato Piau (guitarra) e Oberdan Magalhães (sax), para gravar “Sinceramente”, ele tinha o anseio de fazer ecoar e registrar sua nova safra autoral. “Sinceramente” foi a tentativa de Sérgio para romper o ostracismo, com tom confessional, melancólico e franco. Novamente, mais um fracasso comercial.

3. Arquivo em ruínas - vestígios da circulação estética, na década de 1970

O ano era 1976, “Tem que acontecer”, o segundo disco de Sérgio Sampaio, foi lançado pela Continental. O artista capixaba havia brigado três anos antes com o produtor da Phillips, André Midani. “Fui tratado como um louco, enganado feito um bobo. Devorado pelos lobos, derrotado sim. Fui posto de lado, marginal enfim. O pior dos temporais aduba o jardim”, canta

Sérgio em “Ninguém vive por mim”, décima quarta faixa do seu segundo álbum. Devorado, derrotado, marginal enfim, Sérgio Sampaio demonstra sua controversa relação com o mercado musical brasileiro, mas também aduba suas ideias com composições vorazes e críticas ao *mainstream* e as políticas das gravadoras.

Depois de “Eu quero botar meu bloco na rua” (1973), seu grande sucesso no Brasil, Sérgio sofreu pressão da sua antiga gravadora, Phillips, para fazer outra canção com pegada parecida à marcha para garantir boas vendas e lucros. Um artista criativo e inquieto como Sérgio não se dobraria a isso, chegou no Rio de Janeiro aos 20 anos e passou fome, morou na rua, aos 16 trabalhou numa rádio em Cachoeiro, e apenas tempos depois teve uma oportunidade de gravar ao conhecer Raul Seixas, que se tornou seu amigo e produziu o disco coletivo em 1971, “Sociedade da Grã-Ordem Kavernista”, pela CBS, gravadora onde Raul era produtor musical, juntamente com Edy Star e Miriam Batucada.

Como se pode notar na matéria abaixo, do Tribuna da Imprensa, do Rio de Janeiro, em 1973.



FIG 01 - Coluna Corda Solta, de Roberto Moura
FONTE - Tribuna da Imprensa (RJ), 1973

Como pode se notar na coluna do jornalista Roberto Moura, há um destaque para a influência das bandas do interior capixaba, como as filarmônicas, e uma delas inclusive comanda pelo maestro Raul Gonçalves Sampaio, pai de Sérgio. Indo até a literatura de Oswald de Andrade e Augusto dos Anjos, ambas do pós-modernismo e citas em músicas de Sérgio Sampaio. Outro aspecto interessante é que o cantor e compositor capixaba é colocado como um representante da geração depois de Jorge Bem, Milton Nascimento, Roberto Carlos e Caetano Veloso. Nota-se que Sérgio é comparado e colocado num patamar próximo ou igual ao de grandes nomes da música popular brasileira, quando lançou pela Philips o disco “Eu quero é botar meu bloco na rua” (1973). “Explicando melhor, o disco funciona mais ou menos como uma resposta à obra desses compositores, possibilitada por um mundo-e-contexto diferente do que eles viveram” (Tribuna da Imprensa, 1973).

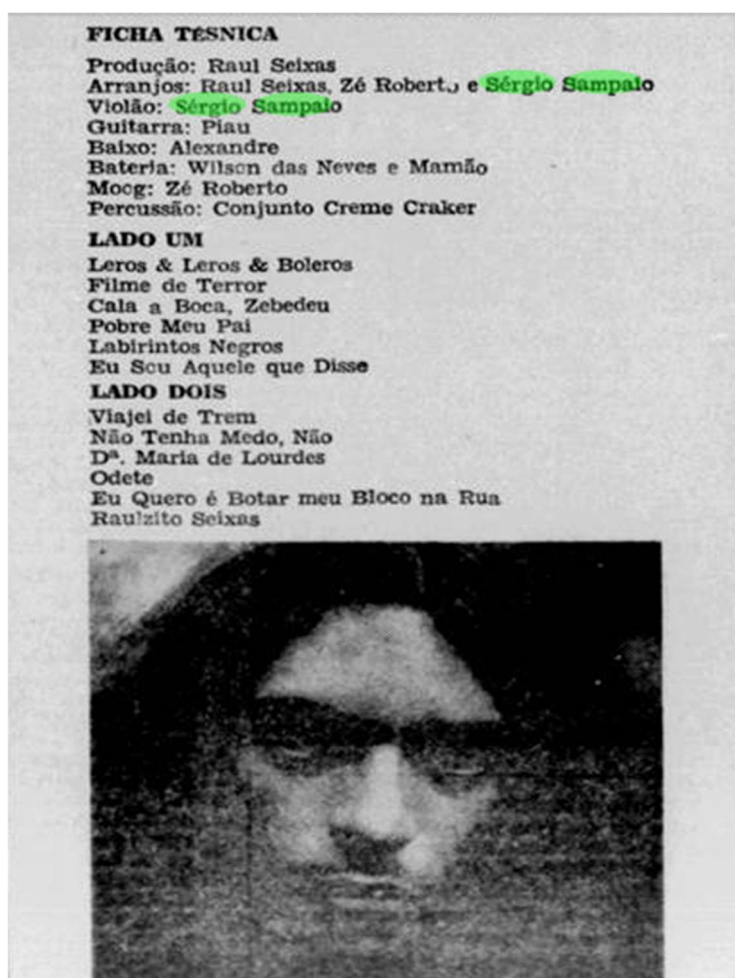


FIG 02 - Ficha técnica do disco Eu Quero É Botar o Bloco na Rua

FONTE - Tribuna da Imprensa (RJ), 1973

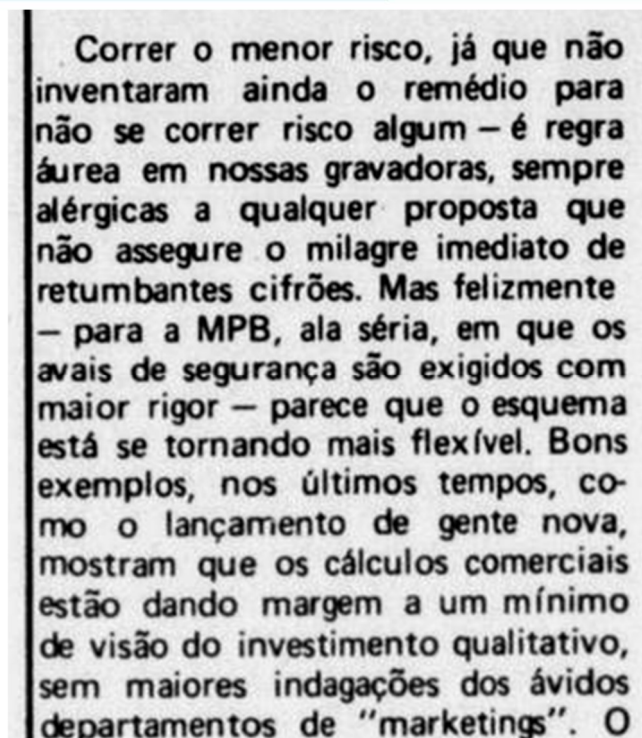
A partir dos títulos das canções do disco, é possível perceber o humor que constituía a verve poética do músico. Talvez pela irreverência e pela desconfiança que os militares brasileiros tinham com o humor, a ditadura militar agiu fortemente contra as canções dos Tropicalistas, e também de Sérgio Sampaio. Suas letras e comportamento eram questionadores, o que levou o músico a sofrer com a censura, além dos inúmeros cortes e reedições em suas canções. Apesar de “Eu quero botar meu bloco na rua” ter vendido 500 mil cópias em formato compacto, e ter sido um dos maiores sucesso do carnaval carioca de 1973. A música foi também censurada pela ditadura e não conseguiu alavancar as vendas do primeiro LP homônimo, que vendeu apenas 5 mil cópias. Nesse sentido, vemos operando de forma nítida não apenas uma censura ideológica mas um verdadeiro censor estético, que age de forma a inviabilizar que as experiências possivelmente instabilizadoras circulem na ordem do sensível. Aqui temos uma excelente demonstração de como age na preservação de uma determinada organização do regime sensível numa dimensão policial, Rancière (1996; 2010), impedindo a circulação estética da experiência.

A crítica abaixo apresenta fundamentos para um critério de juízos menos relacionados às pressões por vendas ou ao relacionamento com os padrões estéticos aceitos pela ditadura militar e sugere um caminho relacionado à “qualidade”.



FIG 03 - Crítica cultural intitulada "Qualidade também é royaltie"
FONTE - O Jornal (RJ), 1973

O título do O Jornal, do Rio de Janeiro, de 1973, é bastante sugestivo, “Qualidade também é royaltie”, o texto de Jésus Rocha, corrobora com a ideia de que as vendas importam para o mercado e a de que Sérgio Sampaio, até 1973, era mais bendito do que maldito. Mas também defende que a qualidade musical e artística pode garantir boas vendas, e cita o caso do Clube da Esquina, de Milton Nascimento, lançado pela Odeon, com grande repercussão entre o grande público, imprensa e com bons números no mercado de discos.



Correr o menor risco, já que não inventaram ainda o remédio para não se correr risco algum – é regra áurea em nossas gravadoras, sempre alérgicas a qualquer proposta que não assegure o milagre imediato de retumbantes cifrões. Mas felizmente – para a MPB, ala séria, em que os avais de segurança são exigidos com maior rigor – parece que o esquema está se tornando mais flexível. Bons exemplos, nos últimos tempos, como o lançamento de gente nova, mostram que os cálculos comerciais estão dando margem a um mínimo de visão do investimento qualitativo, sem maiores indagações dos ávidos departamentos de “marketings”. O

FIG 04 - Trecho da matéria "Qualidade também é royalty"
FONTE - O Jornal (RJ), 1973

Para o jornalista Jésus Rocha, “a qualidade como royalty, eis o que devia entrar definitivamente na cabeça de quem transmite comercialmente a arte” (O Jornal, 1973). Ele defende que os não-comerciais não sejam vistos (condenados) como marginais, elitistas e outras coisas mais que poderiam ser ditas sobre eles. Citando Gonzaguinha como um exemplo, dizendo que o artista foi taxado de maldito, devido seu comportamento revolucionário, reflexivo e pensante no festival universitário do Rio, “(...) propondo uma parada obrigatória para o ‘crime’ de pensar” (O Jornal, 1973). Assim, a “qualidade” é apresentada como um critério possível para pensar a circulação estética da experiência, próximo a uma noção de estranhamento proporcionado pelos trabalhos dos artistas menos comerciais. A capacidade de produzir o estranhamento estaria mais fortemente ligada àquilo que Rancière chama de regime de reorganização do sensível, na medida em que funcionaria politicamente, proporcionando as emergências de outras formas de sentir e afetar.

Nesse sentido, outra matéria confirma como essa capacidade de produzir estranhamento era motivo de prestígio de Sérgio Sampaio com os críticos da época. Publicada no Diário do Paraná, em 1976, intitulada “Bendita Maldição”, com texto do jornalista Luiz Augusto Xavier:



FIG 05: Matéria "Bendita Maldição"
FONTE: Diário do Paraná (1976)

O jornalista Luiz Augusto Xavier destaca que o artista depois do estrondoso sucesso do disco “Eu quero é botar meu bloco na rua”, de 1973, passou ao extremo vazio por se recusar a compor um “segundo bloco”. A matéria diz:

Isolado – mas não esquecido – Sérgio enclausurou-se durante esses três anos, retornando definitivamente agora com o lançamento de seu segundo LP ‘Tem que acontecer’ (...) depois da boa e entusiasmante mostra que deu com o compacto ‘Velho bandido / o teto da minha casa’, que obteve inclusive boa execução em emissoras de rádio do sul do país (Diário do Paraná, 1976)

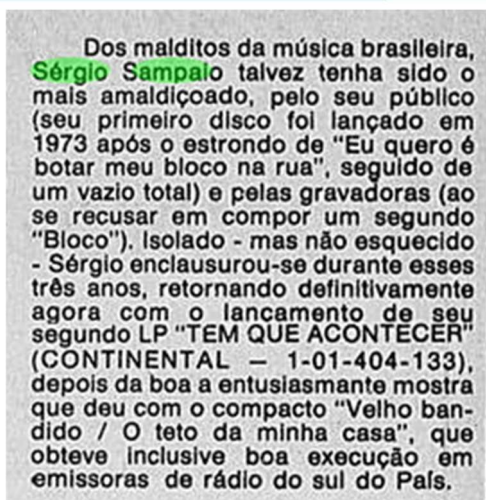


FIG 06: Detalhe da matéria "Bendita Maldição"
FONTE: Diário do Paraná, 1976

Segundo o jornal, Sérgio fez parte de uma geração de malditos, como Jorge Mautner, Fagner e Raul Seixas, mas que Sampaio não teve a mesma sorte dos demais, “que conseguiram até popularizar o estilo” (Diário do Paraná, 1976). O interessante aqui é que o maldito está sendo relacionado ao estilo musical, ao gênero musical, muito embora, dentre esses artistas, haja gêneros e estilos distintos.

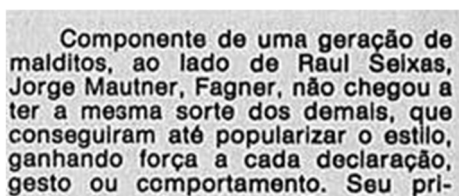
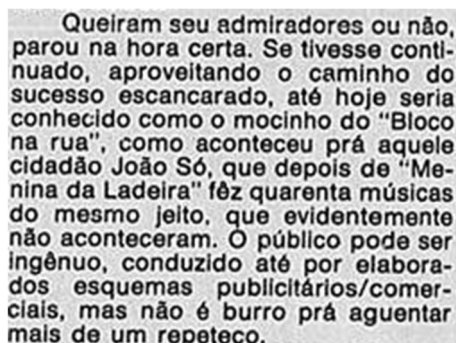


FIG 07: Detalhe da matéria "Bendita Maldição"
FONTE: Diário do Paraná, 1976

A matéria cita a exigência da Phillips, em 1973, para que o artista fizesse um disco dentro do mesmo padrão do “Bloco”, mas que o disco não ficou dessa forma, já a sensibilidade de Sérgio não permitia “que fosse criada música de laboratório, dentro do mesmo caminho dantes seguido, porque já muita coisa importante a dizer” (Diário do Paraná, 1976). Apesar do fracasso de vendas, o álbum “Eu quero é botar meu bloco na rua” (1973) rendeu boas músicas como “Odete”, “Cala a boca Zebedeu”, música de Raul Sampaio, pai do artista, além de “Leros e leros e boleros”. Para Luiz Augusto Xavier, o músico capixaba fez certo em não se render as pressões comerciais da gravadora, “se tivesse continuado aproveitando o caminho do sucesso

escancarado, até hoje seria conhecido como o mocinho do ‘Bloco na rua’ (...)” (Diário do Paraná, 1976).



Queiram seu admiradores ou não, parou na hora certa. Se tivesse continuado, aproveitando o caminho do sucesso escancarado, até hoje seria conhecido como o mocinho do “Bloco na rua”, como aconteceu prá aquele cidadão João Só, que depois de “Menina da Ladeira” fez quarenta músicas do mesmo jeito, que evidentemente não aconteceram. O público pode ser ingênuo, conduzido até por elaborados esquemas publicitários/comerciais, mas não é burro prá aguentar mais de um repeteco.

FIG 08: Detalhe da matéria "Bendita Maldição"

FONTE: Diário do Paraná, 1976

Um fato muito interessante revelado pela matéria é que o segundo disco de Sérgio Sampaio, "Tem que Acontecer", gravado e lançado pela Continental, em 1976, foi produzido pelo crítico musical Roberto Moura, aquele mesmo da coluna “Corda Solta”, do jornal *Tribuna da Imprensa*, de São Paulo. Demonstrando uma relação íntima entre o jornalista e o músico, o que pode ratificar a hipótese de que com a imprensa, com a crítica especializada, Sérgio tinha caminhos mais amenos e abertos. Isso também aponta para a possibilidade de um regime de circulação estética da experiência no qual a crítica cultural exercia um papel importante de retroalimentação na cena musical - aspecto que deve ser explorado em outras investigações.

Ao longo da matéria do *Diário do Paraná*, Luiz Augusto Xavier, descreve a qualidade sonora e estética da obra e destaca canções como “Velho bandido”, “O que pintar pintou”, mais uma composição do pai de Sérgio, Raul Sampaio, além de “Filho do ovo”, “Que loucura”, “Velho bode” e “Luz e semente”. Sambas rasgados, blues, canções românticas, rocks urbanos não fizeram o disco acontecer.

“Tem que acontecer” é um título desafio. Sérgio Sampaio tem que provar aqueles que o boicotaram anteriormente, que é realmente um compositor popular, mesmo que o nível de suas criações estejam sempre tão acima da fórmula sucesso-fácil, ainda que sejam simples e de fácil assimilação. Ultrapassando a barreira dos exigentes e minuciosos (?) programadores de rádio, esse ano pode ser o da consagração definitiva de um ídolo maldito ou de sua marginalização concreta. É como ele diz: “Eu tenho um dom de criar consequências, um ar de criar evidências. Eu venho de herói, poeta e bandido” (Diário do Paraná, 1976).

"Velho bandido" já deu uma mostra do novo aspecto tomado pela obra de **Sérgio Sampaio**, produzida com carinho pelo crítico Roberto Moura durante meses de estrada. Nesse seu novo trabalho, que conta com a elaboração do primeiro time da cozinha (Luna, Eliseu, Nelsinho, Caboclinho, Marçal, Doutor, Gordinho, Geraldo Bongô e Paschoal Meirelles), Sérgio continua explorando o filão aberto com "Cala a boca Zebedeu", "Odete" e também experimentado com acerto em "Velho bandido" (incluída também para completar o álbum) e se entrega ao samba rasgado em músicas como "O que pintar pintou" (Raul Sampaio) - "Se a barra subir eu subo / Se a barra descer em desço / Se a barra ficar no meio / Podes crer, eu calo feio" - ou em "Quanto mais" - "Quanto mais eu sofro" / "Mais coração aparece" / Quando mais eu sou criança / Mais o peito se entristece" - ou na sensacional "Filho do ovo" - "Nasceu o filho do ovo / vai ser galo de terreiro / ou frango assado no almoço" - digno de qualquer autor do morro. Em todas elas, o violão de sete cordas de Waldir.

FIG 09: Detalhe da matéria "Bendita Maldição"
FONTE: Diário do Paraná, 1976

Os acervos disponíveis para o estudo da circulação estética das experiências com a música brasileira estão crescendo bastante, uma vez que os jornais estão investindo em políticas de memória e preservação de seus arquivos, digitalizando parte dos mesmos e disponibilizando em seus bancos de dados. Nesse sentido, as ruínas de outrora se tornam, cada vez mais, possíveis documentos históricos para constituir as experiências presentes com a obra de vários músicos. Daí a possibilidade de pensar as fabulações novas a partir destes vestígios que emergem, antes salvaguardados por regimes sensíveis cuja finalidade não estava na redistribuição das partes.

No caso específico de Sérgio Sampaio, após sua morte, o músico recebeu muitas homenagens em forma de regravações de "Eu quero é botar meu bloco na rua", do grupo Roupas Nova, em 1993, e de Elba Ramalho, em 1995. Além do show "Balaio do Sampaio", de 1996, organizado por Sérgio Natureza, que reuniu nomes como Alceu Valença, Eduardo Dusek, Hyldon, Renato Piau (guitarrista dos discos de Sérgio), Elisa Lucinda etc. Em 1998 foi lançada pela Polygram uma coletânea de mesmo nome com vários artistas cantando Sérgio, dentre eles, Erasmo Carlos, Jards Macalé, Lenine, Luiz Melodia, Elba Ramalho e outros. Todas essas iniciativas se tornam, na contemporaneidade, material para inspirar novas e outras experiências estéticas, a partir do regimes de hiper circulação das experiências.

4. Sobre as circulações estéticas de Sampaio (considerações finais)

Esse estudo torna nítido para nós a necessidade de mais pesquisas que se dediquem aos modos como as experiências estéticas circulam em seus respectivos contextos, construindo redes, vocabulários e práticas de afetação específicas, que podem incidir sobre as formas sensíveis. Demonstra, assim, uma forte relação entre os dispositivos sociais de memória e as sensibilidades que precisa ser explorado em nossos esforços de pesquisa coletivos. Para além da dimensão acontecimental da experiência estética, há de se pensar sua circulação no âmbito da banalização dos discursos sobre valorização e afetação, e nas suas consequências para os embates estéticos contemporâneos.

Em 2006, no disco póstumo de Sérgio Sampaio, todas as 14 faixas foram compostas pelo próprio músico, exceto “Roda Morta”, em parceria com Sérgio Natureza. O produtor do disco, Zeca Baleiro, manteve as gravações originais da voz e do violão de Sampaio, e convidou renomados músicos brasileiros para gravar percussão, bateria, sopros, teclas, cordas e outros. O título do disco - Cruel - faz relação ao ostracismo de Sérgio e à crueldade que ele sofreu dentro da música brasileira. Essa não possibilidade de circulação e ostracismo, no contexto de quem experiencia Sérgio Sampaio nos anos 1970, é a chave estética para as experiências que sua obra proporciona. Já para quem tem acesso ao trabalho do músico por meio das ações de Zeca Baleiro e de divulgação de sua obra em um regime de hiper circulação, a chave estética torna-se outra: a celebração de independência

Em matéria do site Escotilha¹³, em 2017, o jornalista Bruno Vieira relata o renascimento de Sérgio Sampaio e os movimentos para sua redescoberta. Destacando o disco de 2006 e falando sobre o niilismo e não-adequação do artista perante o mercado, sendo o artista a “narrativa-ideal do maldito”. Aqui defende-se que o maldito não é um problema, mas foi uma solução para que o músico se tornasse livre e cada vez mais independente.

O disco póstumo Cruel (2006), organizado por Zeca Baleiro, prova isso. Enquanto a divertida “Polícia, Bandido, Cachorro, Dentista” traz seus comentários incisivos de maneira bem-humorada, faixas como “Roda Morta (reflexões de um executivo)” bebem na poesia de Augusto dos Anjos, adotando um niilismo desconcertante: “Eu sei que quando acordo eu visto a cara falsa e infame / como a tara do mais vil dentre os mortais / E morro quando adentro o gabinete / Onde o sócio e o alcaguete não me deixam

¹³ Disponível em: <https://escotilha.com.br/musica/sergio-sampaio-a-poesia-de-um-maldito/>. Acesso em: mar. 2024

nunca em paz / O triste em tudo isso é que eu sei disso / Eu vivo disso e além disso / Eu quero sempre mais e mais.” (Escotilha, 2017).

Diante das análises aqui propostas, entendemos que os atravessamentos na trajetória do músico envolvem narrativas e disputas discursivas, que estão também atreladas aos horizontes de expectativas e espaços de experiências, dentro de determinado regime de circulação estética. De uma certa precariedade, passamos a um regime de abundância de informação sobre as obras. Arquivos de memórias que incidem sobre os modos como se experimenta esteticamente algo. É fundamental, nesse sentido, investir nesses processos de articulação entre o estético e o discursivo, para melhor compreender as diferentes instituições de regimes de partilha do sensível.

Referências

- BRAGA, José Luiz. Experiência estética & mediatização. In: GUIMARÃES, César et al.. **Entre o sensível e o comunicacional**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2010.
- CARDOSO FILHO, Jorge & Azevedo, Dilvan. Do argumento à sedução: dimensões (est)éticas da crítica. In: **XXII Encontro Anual da COMPÓS**, 2013, Salvador. Anais da 22 COMPOS, 2013.
- CARTA CAPITAL. **Sérgio Sampaio, 70 anos: bloco na rua, samba-enredo no asfalto**. Revista Carta Capital, São Paulo, 2017. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/cultura/sergio-sampaio-bloco-na-rua-samba-enredo-no-asfalto/>. Acesso: mar. 2024.
- CIDADÃO CULTURA. **Sérgio Sampaio e sua trajetória na música brasileira**. Cidadão Cultura, 2017. Disponível em: <https://www.cidadaocultura.com.br>. Acesso em: 15 fev. 2025.
- DIÁRIO DO PARANÁ. **Bendita Maldição**. Coluna Som Popular. Diário do Paraná, Curitiba, 1976.
- ESCOTILHA. **Sérgio Sampaio: a poesia de um “maldito”**. 2017. Disponível em: <https://escotilha.com.br/musica/sergio-sampaio-a-poesia-de-um-maldito/>. Acesso em: mar. 2024.
- FOLHA DE SÃO PAULO. **Disco obscuro de Sérgio Sampaio volta às lojas depois de 29 anos**. Folha de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1210201113.htm>. Acesso em: 15 fev. 2025.
- KOSELLECK, Reinhart. **Futuro-passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto/ Editora da PUC-Rio, 2006.
- LOPES, Denilson. Para desejar o impossível: Diários Queer de Lúcio Cardoso e Roland Barthes. In: **XXXIII Encontro Anual da COMPÓS**, 2024, Niterói. Anais da 33 COMPOS, 2024.
- NOVA BRASIL FM. **A história da canção “Eu Quero É Botar Meu Bloco na Rua”, de Sérgio Sampaio**. Nova Brasil FM, 2023. Disponível em: <https://novabrasilfm.com.br/nota-s-musicais/eu-quero-e-botar->

meublocona-rua-sergio-sampaio#:~:text=A%20censura,do%20cinema%20e%20dos%20quadrinhos. Acesso em: 15 fev. 2025.

O JORNAL. **Qualidade também é royalty.** O Jornal, Rio de Janeiro, 1973.

PRUDÊNCIO, Washington. Sérgio Sampaio: antitropicalismo na canção de um tropicalista convicto. Texto de Washington Prudêncio, montagem e narração de Arthur Moura. 2021. **[documentário]**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RTniXQKNFbg>. Acesso em: mar.2024

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível**. 2. edição. São Paulo: Editora 34/EXO, 2009.

RANCIÈRE, Jacques. **Estética e Política – A partilha do sensível**. Dafne Editora. Porto, Portugal, 2010.

RANCIÈRE, Jacques. **O desentendimento – política e filosofia**. São Paulo: Ed. 34, 1996.

REVISTA MOVINUP. **Sérgio Sampaio e o dom de causar consequências**. 2018. Disponível em: <https://revistamovinup.com/artigospeciais/2018/sergio-sampaio-e-o-dom-de-causar-consequencias>. Acesso em: mar. 2024.

SALLES, Chico. Sérgio Samba Sampaio. 2013. **[álbum]**.

SAMPAIO, Sérgio. Cruel. 2006. **[álbum]**.

SAMPAIO, Sérgio. Eu quero é botar meu bloco na rua. 1972. **[compacto]**.

SAMPAIO, Sérgio. Sérgio Sampaio Festival. **[Instagram]**. Disponível em: <https://www.instagram.com/sergiosampaiofestival>. Acesso em: ago.2023

SAMPAIO, Sérgio. Sinceramente. 1982. **[disco de vinil]**.

SAMPAIO, Sérgio. Eu quero é botar meu bloco na rua. 1973. **[disco de vinil]**.

SAMPAIO, Sérgio. Tem que acontecer. 1976. **[disco de vinil]**.

SAMPAIO, Sérgio. Meu pobre blues. 1974. **[compacto]**.

SAMPAIO, Sérgio. SEIXAS, R. STAR, E, BATUCADA, M. Sociedade da Grã-Ordem Kavernista. 1971. **[disco de vinil]**.

SAMPATIZE. 2012. Canal do YouTube em Homenagem a Sérgio Sampaio. **[YouTube]**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VE5F0gEdkZ8>. Acesso em: mar.2024

SOARES, Thiago & CARDOSO FILHO, Jorge. Relato do texto **Para desejar o impossível: Diários Queer de Lúcio Cardoso e Roland Barthes**. 2024.

TRIBUNA DA IMPRENSA. **Ficha técnica do disco Eu Quero É Botar o Bloco na Rua**. Tribuna da Imprensa, Rio de Janeiro, 1973.

TRIBUNA DA IMPRENSA. **Simbolismo, interior e cultura de massa no LP de Sérgio Sampaio**. Coluna Corda Solta. Tribuna da Imprensa, Rio de Janeiro, 1973.

UM SAMPAIO BENDITO. Produzido por estudante da FAESA, Vitória (ES), 2016. **[documentário]**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mS6WcxskOhc&t=858s>. Acesso em: mar.2024

UM SAMPAIO TEIMOSO. Direção -- Nayara Tognere. 2012. **[documentário]**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VE5F0gEdkZ8>. Acesso em: mar. 2024.

@LEOZINHORAMONE3169. Como não cair em lágrimas com Sérgio Sampaio? O maior injustiçado da música popular brasileira!. Comentário no vídeo: Um Sampaio Bendito. **[YouTube]**, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mS6WcxskOhc&t=858s>. Acesso em: mar. 2024.

@OTAVIORBS. Muito bom! Estou há 2 anos ouvindo os álbuns do Sergio Sampaio e acho que já é meu artista favorito de todos os tempos. Nunca sei qual é o meu favorito... às vezes ‘Tem que acontecer’, às vezes ‘Cruel’, ou ‘Eu quero botar...’. Muito bom ver esse documentário.” Comentário no vídeo: Um Sampaio Bendito.

[YouTube], 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mS6WcxsKOhc&t=858s>. Acesso em: mar. 2024.

@RUYCERQUEIRA5393. 2016. Um gênio da MPB ...uma obra musical tão boa quanto os monstros Vandrê, Caetano ...etc. Comentário no vídeo: Um Sampaio Bendito. [YouTube], 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mS6WcxsKOhc&t=858s>. Acesso em: mar. 2024.